

Trânsito ainda mais tumultuado

HELENA MADER E
GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

A legalidade dos novos empreendimentos nas quadras comerciais da Asa Sul não diminuiu a revolta dos moradores e lideranças comunitárias do bairro. Instituições de preservação da área tombada da cidade entraram na discussão. Todos são unânimes em afirmar que novas lojas e construções vão tumultuar ainda mais o já confuso trânsito na região. A população da Asa Sul também reclama do corte de árvores nos locais que vão abrigar os novos prédios comerciais.

Duas áreas verdes, que ligavam as residenciais ao comércio local, já foram cercadas por tapumes, limitando a circulação dos pedestres. Surpresos com o vizinho indesejado, muitos moradores acharam que os empreendimentos haviam invadido área pública. Procuraram o governo e descobriram que os lotes eram destinados por lei a atividades comerciais e haviam sido vendidos à iniciativa privada.

A presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Heliete Bastos, explica que a desinformação deixa os moradores apreensivos. "Ninguém sabe que tipo de comércio será instalado nas quadras. As residenciais, que já padecem da falta de estacionamento, vão sofrer com mais uma invasão de carros", reclama Heliete.

Permuta

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) acredita que a construção de novos prédios nas quadras da Asa Sul vai comprometer a qualidade de vida dos moradores do bairro. A chefe da Divisão Técnica do Iphan, Vera Ramos, defende que a população negocie com o governo para tentar impedir novas obras na região. "Os moradores podem pedir que o GDF negocie com os proprietários a troca do terreno por lotes em outras áreas", aconselha. Este tipo de permuta é assegurado por lei. O Estatuto das Cidades autoriza o proprietário do imóvel a abrir mão de seu direito de construir.

Vera Ramos lembra que os Restaurantes de Unidades de Vi-

Edilson Rodrigues



TAPUMES CERCAM UMA ÁREA PARA RESTAURANTES DE UNIDADE DE VIZINHANÇA NA 208 SUL: CONSTRUÇÃO DE NOVOS PRÉDIOS PREOCUPA MORADORES

zinhança (RUV) foram previstos na época da construção de Brasília, mas muita coisa mudou na realidade urbanística da cidade

desde então. "O fluxo de veículos era longitudinal, com o desenvolvimento da W4 e da W5 o trânsito passou a ser transver-

sal, o que deslocou muitos veículos para as quadras comerciais", lembra a chefe da Divisão Técnica do Iphan.

Mesmo de acordo com a legislação, a construção de novos prédios nas quadras comerciais da Asa Sul causa controvérsias. O

presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil no DF, Otto Ribas, acredita que os empreendedores devem ouvir os anseios dos moradores para evitar possíveis conflitos. Ele lembra que o governo consultou a população antes de autorizar a construção de centros comerciais no Lago Sul. "A comunidade precisa participar deste processo. A construção de lojas nos RUVs é prevista por lei, mas pode trazer problemas aos moradores, como falta de estacionamento e ruídos", garante Otto Ribas.

Árvores

Os decretos 11.117 e 11.162 de 1988, que regulamentam a ocupação nos restaurantes de unidade de vizinhança, determinam que os lotes podem abrigar empreendimentos de várias atividades. Fica liberada então a construção de restaurantes, padarias, bares, lanchonetes, sorveterias, agências de viagens, floriculturas e até galerias de arte, museus e bibliotecas.

O arquiteto Sérgio Paganini, que já integrou o Conselho de Gestão da Área de Preservação de Brasília (Conpresb), garante que recebeu centenas de e-mails e cartas de moradores da Asa Sul, revoltados com a construção de empreendimentos nos RUVs. "A Administração de Brasília está promovendo uma ação nefasta na área tombada da cidade. Isto é um acinte à população", reclama o arquiteto.

Ele garante que várias árvores foram cortadas para abrigar os novos prédios comerciais. "Muitas árvores históricas, com mais de 40 anos de vida, vieram ao chão", lembra Paganini. De acordo com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), os empreendedores receberam autorização do órgão para cortar a vegetação nas áreas dos RUVs.

A dona-de-casa Neise Azevedo, de 72 anos, mora na 211 Sul há quase 30 anos. Ontem à tarde, ela começou a percorrer os apartamentos de seu prédio, para mobilizar a população com relação ao problema. "A comercial já está completa, não precisamos mais de nenhum tipo de loja. Os construtores não respeitaram nem a calçada, caminhar em volta da quadra está ainda mais complicado", reclama a dona-de-casa.